

COMO O HOMEM SE ORIENTA NA CIDADE E A FORMAÇÃO DO SEU SENTIDO NO ESPAÇO: ENTRE A IMAGEM DA CIDADE E A CORPOGRAFIA URBANA

Yasmin de Paula Mazza e Prof. Dr. Celso Lomonte Minozzi

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

A proposta deste estudo teve como componente despertador a afinidade dos conteúdos de várias disciplinas do curso de arquitetura e urbanismo, no sentido de integrar os conteúdos da disciplina de teoria da arquitetura com o desafio no exercício projetual. Neste sentido, o desafio tomado foi compreendido um pouco mais de como o ser humano se orienta no espaço, e como este espaço poderia ser organizado para facilitar o seu aproveitamento. A pesquisa foi desenvolvida a partir do método qualitativo, ou seja, entende-se como um método que estuda como o objeto de estudo acontece ou se manifesta. Analisou-se dois autores principais, Kevin Lynch e Paola Jacques Berenstein, destacando elementos análogos e antagônicos no ambiente urbano contemporâneo de acordo com as teorias estudadas. Observou-se o centro histórico de São Paulo, constatando quais elementos teóricos eram encontrados no local. O estudo revelou que a teoria dos autores se aplica a prática e que é possível formular uma proposta urbana a partir de um estudo teórico e contato direto com o local em questão.

Palavras-chave: Orientação. Sentido. Imagem

ABSTRACT

The purpose of this study was the awakening component of the affinity of the contents of various disciplines of the architecture and urbanism course, in order to integrate the contents of the theory of architecture discipline with the challenge in the design exercise. In this sense, the challenge was to understand more about how the human being is oriented in space, and how this space could be organized to facilitate its use. The research was developed from the qualitative method, that is, it is understood as a method that studies how the object of study happens or manifests itself. Two main authors, Kevin Lynch and Paola Jacques Berenstein, were analyzed, highlighting analogous and antagonistic elements in the contemporary urban environment according to the theories studied. We observed the historical center of São Paulo, noting which theoretical elements could be found in the place. The study revealed that the author's theory applies to practice and that it is possible to formulate an urban proposal from a theoretical study and direct contact with the place in question.

Keywords: Orientation. Sense. Image

1. INTRODUÇÃO

1.1 Problema de Pesquisa

“Afirmamos em primeiro lugar as massas humanas, pois, afinal, antes mesmo de suas moradias, campos e caminhos os homens é que fazem parte da paisagem” (SORRE,1984, p.10).

Pela afirmação do geógrafo francês Sorre (1984), é possível analisar que é a partir dos seres humanos que partem os espaços, o ambiente e organização de imagens e percepções de um meio externo para uma certa orientação e sentido interno. Ou seja, a ação dos grupos humanos sobre a terra resulta em uma determinada logística espacial, de acordo com cada cultura, matéria prima existente, condições de espaço e de tempo e objetivo final de dada sociedade.

Os seres humanos sempre procuraram formas de se orientar no espaço. No período primitivo essa orientação se desenvolvia por meio de analogias e agregamento de símbolos à determinados locais, variando de acordo com a “cultura” e os recursos existentes.

Essa orientação se dava por exemplo a capacidade de distinguir estrelas, correntes ou cores do mar para os navegantes dos Mares do Sul, ou por uma memória topográfica de seus anciãos que a tribo Luritcha da Austrália Central adquiriu ao longo de suas vidas para saberem a localização de pequenos poços de água que lhes permitiu atravessar o deserto (LYNCH, 1960, p.15).

Esse tipo de orientação permanece até os tempos atuais. Através desse método de símbolos e analogias, o homem desenvolveu uma eficiente maneira de se situar em uma região e localizar-se, curiosamente nos deslocamos em uma cidade desconhecida através da identificação de símbolos distintivos que adotamos como referencia. Assim que esses símbolos se misturam perde-se o sentido de orientação e causa confusão no indivíduo para se localizar.

Os símbolos e analogias se mantêm até hoje nos territórios urbanos, isto é, nas cidades vigentes. “As cidades são entendidas como uma construção em grande escala no espaço, portanto uma obra arquitetônica. Também pode ser considerada enquanto disposição das partes ou dos elementos que compõem os espaços urbanos em geral.” (LYNCH, 1960, p.11). Logo, a importância de saber se localizar e ter um sentido no espaço, levou aos homens a grandes conquistas não só territoriais, mas de uma formação espacial e social ao longo das décadas.

Dessa forma, segundo Lynch o sentido espacial envolve quase todos os sentidos do ser humano, com maior destaque o visual, tato, olfato, audição. Em especial o visual, que integra elementos de cores, formas e movimentos. Quando os seres humanos se encontram na cidade, não são apenas agentes observadores, agem de forma dinâmica, aplicando o

uso de quase todos os sentidos em conjunto para se orientar e sentir a sensação de equilíbrio e de bem estar.

Essa sensação de equilíbrio e bem-estar o acompanha no viver da cidade e seu cotidiano, a cidade é lida pelo corpo. Porém, se há uma redução da ação urbana, ou seja, o empobrecimento da experiência urbana pelo espetáculo, há conseqüentemente uma perda da corporeidade e os espaços urbanos se tornam simples cenários.

As pessoas adaptam seu meio ambiente e constroem uma estrutura de identidade daquilo que lhes depara. Os tipos de elementos usados na imagem da cidade e as características que o tornam fracos ou fortes podem aparecer em mais de um local. [...] Parece haver uma imagem pública de qualquer cidade, que é a sobreposição de imagens de muitos indivíduos (LYNCH, 1960, p.67).

Nem sempre um lugar precisa ser devidamente dotado de alguma característica impactante ou espetacular, para ser legitimado e promover sentido para aqueles que usufruem dele. Para a autora Paola Berenstein:

Corpografia urbana de resistência se dá quando um corpo experimenta um espaço urbano não espetacular, e isso ocorre mesmo involuntariamente, revelam ou denunciam o que o projeto urbano exclui, pois mostram tudo o que escapa de um projeto espetacular, evidenciando as micro práticas cotidianas do espaço vivido. (BERENSTEIN, 2008, p.05)

Tanto Kevin Lynch como Paola Berenstein expõem e apresentam suas teses mostrando possíveis aplicações urbanas e analisando os centros históricos das cidades vigentes. Assim, a escolha desses autores e suas definições decorre da relevância de que é dada dentro da sociedade contemporânea e seu propósito na configuração de um espaço.

1.2. Objetivos

O objetivo principal deste estudo é investigar conceitos aplicados acerca da orientação do homem e a sua formação de sentido no espaço, de acordo com a visão de dois autores, Paola Berenstein e Kevin Lynch, destacando elementos análogos e antagônicos no ambiente urbano contemporâneo de acordo com as teorias estudadas.

O objetivo secundário deste estudo é identificar características no centro histórico da cidade de São Paulo, sendo este um local já identificado com caráter semelhante as teorias analisadas. Destacando os elementos condicionantes dessa formação de sentido e de uma corporeidade, identificados na visão dos autores.

1.3. Procedimentos Metodológicos

Os fundamentos da pesquisa foram obtidos através do método qualitativo.

Buscou-se entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas. Assim como os educadores Bogdan & Biklen¹ pontuam: “[Os pesquisadores qualitativistas] procuram entender o processo pelo qual as pessoas constroem significados e descrevem o que são estes”. Ou seja, o método qualitativo entende-se como um método que estuda como o objeto de estudo acontece ou se manifesta.

A pesquisa pertence as conceituações de exploratória, descritiva e observacional. A pesquisa exploratória é bastante específica, assume a forma de um estudo de caso, em que permite uma maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado. Já a descritiva, tem por objetivo descrever as características do que foi explorado na etapa anterior, proporcionando uma nova visão sobre esta realidade já existente.

O método observação não participante também conhecida como simples, o pesquisador permanece alheio à comunidade ou processo ao qual está pesquisando, tendo um papel de espectador do projeto observado (GIL, 2006). Na observação não participante os sujeitos não sabem que estão sendo observados, o observador não está diretamente envolvido na situação analisada. Nesse tipo de observação o pesquisador aprende uma situação como ela realmente ocorre. (MOREIRA, 2004).

A pesquisa foi desenhada para seu desenvolvimento em 6 etapas:

1ª Etapa - Levantamento bibliográfico

A investigação foi baseada a partir de aprofundamento dos conceitos sobre o tema. Há um grupo de teóricos renomados que se destacam pelas suas concepções sobre o tema abordado. Entre eles, dois principais: Kevin Lynch, que discorre acerca da teoria da imagem da cidade, e Paola Berenstein que destaca elementos da corpografia urbana. Também foi aprofundado elementos neste estudo com trabalhos teóricos como os de Christian Norberg Schulz, e Guy Debord, dentre outros, entendendo que os mesmos acompanham princípios dos dois primeiros autores citados.

2ª Etapa – Leitura e Fichamento

Nesta etapa foram lidos os textos identificados na primeira etapa. Primeiramente os textos referentes aos dois autores: Corpografia Urbana, Errâncias Urbanas, Apologia da Deriva, Corpo Cidade, da autora Paola Brenstein, e A imagem da Cidade de Kevin Lynch . Segundamente alguns textos complementares, sendo eles: A Sociedade do Espetáculo, de Guy Debor e O Fenômeno do Lugar de Norberg Schulz.

A partir da leitura do livro “A Sociedade do Espetáculo” de Guy Debor, notou –se que a leitura do livro contribuiu para um acréscimo de sentido das palavras “espetáculo” e “imagem”. Tanto uma como a outra são pontos importantes nas teorias dos dois autores principais.

Segundo Guy Debord, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (DEBORD, 1967, p.14) ou seja, para o autor o espetáculo é algo que se mostra grandioso, positivo e indiscutível, uma aparência formada estritamente pelos valores sociais. A espetacularização seria a não participação, alienação e passividade da sociedade, portanto a principal ação contra o espetáculo seria a participação ativa dos indivíduos nos campos da vida social.

Dentro desse contexto insere-se também a teoria da Paola Berenstein que compartilha do mesmo pensamento e para a autora o “processo de espetacularização parece estar relacionado a uma diminuição tanto da participação cidadã quanto da própria experiência corporal das cidades enquanto prática cotidiana, estética ou artística” (BERENSTEIN, 2008, p.1). A redução da ação urbana pelo espetáculo leva a uma perda da corporeidade, os espaços urbanos se tornam simples cenários, sem corpo, espaços desencarnados.

Para Guy Debord o espetáculo se baseia no real para acontecer, ele não é o fim de um processo é o processo. Um processo de reconhecimento da realidade e transformação social para uma imagem. “O mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico.” (DEBORD, 1967, p.19)

Encontra-se uma similaridade com a teoria de Kevin Lynch sobre a Imagem da Cidade. Segundo Lynch o ser humano ao conhecer um lugar, cria uma imagem mental desse espaço, através de memórias passadas em conjunto com a experiência vivida no local. Dessa forma, o que prevalece muitas vezes são essas imagens criadas individualmente ou coletivamente de um espaço. “Esta imagem é o produto da percepção imediata e da memória da experiência passada e ela está habituada a interpretar informações e a comandar ações.” (LYNCH, 1960, p.14).

3ª Etapa - Levantamento de pontos análogos e antagônicos

Nesta etapa foi explicitado os pontos análogos e antagônicos das duas teses estudadas (A imagem da Cidade - Kevin Lynch e Corpografia Urbana – Paola Berenstein) expondo e aprofundando o objeto de pesquisa.

Os dois autores revelam uma proximidade de suas teses através do conceito de sentir o espaço, ter uma experiência vivenciada no ambiente urbano contemporâneo. Porém, a maneira que se pode alcançar essa vivência muda, Paola Berenstein apresenta três características: As propriedade de se perder; As propriedades da lentidão; As propriedades da corporeidade. Em oposição Kevin Lynch expõe cinco elementos da imagem urbana, que legitimam um lugar e o tornam mais perceptível e dinâmico, são eles: As vias; Limites; Bairros; Cruzamentos; Elementos marcantes.

4ª Etapa - Análise e Comparativo

Nesta etapa foi feita a análise e a comparação das aplicações das teorias nos conceitos de centro histórico das cidades contemporâneas. Foram analisados Boston (Estados Unidos), Paris (França) e São Paulo (Brasil). Cada um referente a um dos autores e suas pesquisas. A cidade de Paris seria estudada a partir da análise do teórico Christian Norberg Schulz, porém para se aprofundar devidamente sobre esse autor a pesquisa se estenderia mais do que o período previsto. Portanto, o centro de Paris não foi mencionado.

O norueguês Norberg Schulz (1926-2000) baseou-se seu trabalho crítico nos estudos fenomenológicos de Martin Heidegger (1889-1976), que explorou os significados culturais e os valores simbólicos das formas e das suas implicações psicológicas na identificação dos lugares. Dessa forma, seu pensamento está focado sobretudo em questões referentes à qualidade dos espaços habitados e a aplicação da fenomenologia como método possível para a compreensão e a descrição da arquitetura.

O autor explora a questão do fenômeno do lugar, ou seja, “um lugar é um fenômeno qualitativo total, que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta” (SCHULZ, 1963, p.444). A tese de Schulz apresenta algumas particularidades com as teorias dos outros autores principais, no sentido de que há uma preocupação do estudo na vida cotidiana na cidade e nos espaços. Tanto para a Paola Berenstein quanto para Kevin Lynch, os seres humanos fazem parte da composição do ambiente, modificam, usufruem e vivenciam. Assim, um lugar não pode ser analisado apenas cientificamente, mas sim relacionado com seus usuários.

O estudo de Norberg Schulz vai além dos fatores físicos e direcionais do espaço compreende também as questões da psicologia, ética e da filosofia, ampliando a forma de como os lugares podem ser interpretados. Devido a esse fator o autor contribuiu para o norteamento dessa pesquisa, mas não foi um dos autores principais a ser analisado.

5ª Etapa – Levantamento Empírico e relatório parcial do projeto

Nesta etapa houve a verificação empírica das características e composição do centro histórico da cidade de São Paulo, de acordo com o objeto de pesquisa. Ou seja, a constatação das características existentes e qual sua relação com o objeto de pesquisa.

A verificação foi feita através da observação do espaço e da manifestação dos indivíduos no local, sem contato do pesquisador com o meio ou com o observado.

6ª Etapa – Elaboração do Relatório Final

Nesta etapa, por fim, está realizado o relatório final. Este apresenta a conclusão entre a intersecção das duas teses estudadas em relação a como o homem se orienta na cidade e o sentido no espaço, com a constatação empírica das características presentes no centro histórico de São Paulo e a aplicação dos conceitos teóricos.

1. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

As características não espetaculares do espaço, que possibilitam formar uma identidade, orientação e sentido por meio dos agregamentos simbólicos do ser humano, assim como uma organização espacial, se mostra desafiador e ao mesmo tempo espetacular no que diz respeito a desafios de se trabalhar novos projetos arquitetônicos.

O conceito de “espaço” certamente não é novo na teoria da arquitetura, mas pode ter muitos significados. A literatura corrente distingue dois usos: o espaço como geometria tridimensional, e espaço como campo perceptual. Entretanto, nenhum deles é satisfatório, porque são abstrações a partir da totalidade indutiva tridimensional da experiência cotidiana, que podemos chamar de “espaço concreto”. Na realidade, as ações concretas das pessoas não têm lugar num espaço isotrópico homogêneo, mas ocorre em um espaço que se caracteriza por diferenças qualitativas. (NESBITT, 2006, p.15)

Kevin Lynch investiga mais a fundo a estrutura do espaço concreto, introduzindo os conceitos de “vias”, “limites”, “bairros”, “cruzamentos” e “elementos marcantes” para indicar os elementos que embasam a orientação das pessoas no espaço. Assim, a estrutura do espaço concreto também influencia nesse sentido e orientação, e ambos moldam novos designs de ambiente, interação e composição como propõe o biólogo Richard Dawkins (1991), pensar nas coisas existentes como *designs* evolutivos, ou seja, como configurações resultantes das sínteses transitórias alcançadas pelo modo como se articulam função e formato de cada coisa, conforme relacionam-se com outras, ao longo do tempo de sua existência. O design das coisas seria, então, simultaneamente causa e efeito da configuração do seu ambiente de existência, o qual se livra do seu sentido meramente topográfico para adquirir importância codeterminante – tanto das condições de historicidade como das próprias corporalidade.

Ao se buscar articular corpo e cidade, “parte-se do princípio de que a cidade é percebida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação” (BERENSTEIN, 2012, p.02). Esta é uma ideia baseada no pressuposto de que a percepção corporal das cidades se dá pela ação do corpo ambientada nelas e não como sua resultante. Ela é, portanto, a própria experiência sensório-motora vivida no ambiente urbano que, por sua vez, constitui a percepção da cidade que os corpos dos seus habitantes estabilizam singularmente como corporalidade.

O ambiente não é para o corpo meramente um espaço físico, disponível para ser ocupado, mas um campo de processos que, instaurado pela

própria ação interativas dos integrantes, produz configurações de corporalidades e qualificações de ambientes (BERENSTEIN, 2012, p.150)

A orientação do homem na cidade e seu sentido no espaço, e a análise desses conteúdos na ótica de estudos teóricos conceituais acerca deste tema, pode ser uma maneira de compreender como o ser humano se orienta em um ambiente, em específico em uma cidade contemporânea.

Quando o homem habita, está simultaneamente localizado no espaço e exposto a um determinado caráter ambiental. Duas funções psicológicas implicadas nessa condição são a orientação e identificação. Para conquistar uma base de apoio existencial, o homem deve ser capaz de orientar-se, de saber onde está. Mas ele também tem de identificar-se com o ambiente, isto é, tem de saber como está em determinado lugar (SCHULZ, 1993, p.455).

Visto que a cidade pode ser caracterizada como lugar, espaço e ambiente, estes estão ligados por uma corpografia urbana e possui imagens, sendo elas muitas vezes referencial do ser humano e estão intrinsecamente ligados aos conceitos arquitetônicos.

O primeiro texto analisado foi "Errâncias Urbanas: A arte de andar pela cidade". A autora Paola Berenstein relata sua tese: quanto mais espetacular forem as intervenções urbanísticas nos processos de revitalização urbana, menor será a participação da população. A participação popular como experiência física urbana enquanto prática cotidiana, estética ou artística está diretamente ligada a espetacularização das cidades contemporâneas.

A espetacularização urbana resulta principalmente da lógica do planejamento estratégico, de produzir uma imagem singular de cidade. Uma imagem da cultura própria, dita como "identidade", porém que se mostra cada vez mais semelhante com outras cidades. A identidade que deveria ser individualizada tem sofrido o processo oposto pelo fato de que a revitalização do espaço se mostra com característica econômica, quando deveria ser com o sentido de vitalidade, como vida decorrente da presença de um público e atividades diversificadas, um lugar que possibilita trocas, conflitos e encontros.

A arquitetura-urbanista poderia também utilizar seu próprio corpo, assim como o corpo da cidade, como uma forma de ação através da apropriação do espaço público, no caso das errâncias urbanas, através do simples andar pela cidade (BERENSTEIN, 2005, p.20).

Muito raramente o morador da cidade formal se sente envolvido na construção do seu espaço urbano e em particular dos espaços públicos de sua cidade. Isso ocorre pois segundo a autora não há participação efetiva no espaço público, não basta uma requalificação do espaço físico e material, mas do tipo de uso que se faz. Uma experiência corporal, sensorial, só assim a cidade deixaria de se reduzir a simples imagens. Essas errâncias podem ser vistas com o desenvolver das cidades e suas histórias, através de

artistas, escritores, fotógrafos, mostra se todas as transformações espaciais que vieram a acontecer.

Assim a autora procurou investigar a experiência urbana, em particular a experiência corporal da cidade o que ela considera como uma micro resistência, em seu livro *Corpografias Urbanas*. Esse tipo de experiência urbana pode ser estimulada por uma prática que chamou de errâncias urbanas, que resultam em diferentes corpografias. Uma corpografia urbana é um tipo de cartografia realizada pelo corpo, uma memória urbana inscrita no corpo, o registro da experiência da cidade.

“A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade, o que passamos a chamar de corpografia urbana” (BERENSTEIN, 2008, p.2). A corpografia é uma cartografia corporal e varia de acordo com a temporalidade e da intensidade dessas experiências. Porém, a partir da compreensão de corpografias pode-se ter uma reflexão sobre o urbanismo, através de outras formas corporais ou incorporais, pode-se aprender o espaço urbano para posteriormente se propor outras formas de intervenção nas cidades. Esse estudo pode ser interessante para se compreender as pré-existências espaciais através das experiências urbanas.

Nos projetos, os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que os atualizam, são as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são as experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no cotidiano (BERENSTEIN, 2008, p.04).

Segundo a autora, a corpografia urbana pode ser usada para compreensão dos espaços, sendo ela tanto na forma involuntária como no seu exercício voluntário, que seria uma vontade de estudar as cidades de uma forma corporal. A forma involuntária seria aquela chamada de corpografia urbana de resistência, que é o oposto do corpo mercadoria, imagem ou simulacro, produto da espetacularização contemporânea, seria a revelação das micro práticas cotidianas do espaço vivido.

A errância urbana pode ser prática de qualquer um, experimentar a cidade através das errância, há uma preocupação com as práticas, ações e percursos do que com as representações ou projeções. Não depende apenas de um olhar, uma imagem espetacular ou um cenário, a experiência urbana cotidiana pode se dar de maneiras bem diferentes. Sendo três características bem marcantes para Berenstein: a propriedade de se perder, da lentidão e da corporeidade.

Segundo a autora, enquanto o urbanistas buscam a orientação através de mapas e planos, a preocupação do errante estaria mais na desorientação, no conhecimento entre seu

corpo físico e o corpo da cidade que se dá através da ação de errar pela cidade, ou seja, se perder, um estado efêmero de desorientação espacial, causando de forma inconsciente a aguçam de outras percepções sensoriais, além da visão.

A desorientação segundo seu estudo, estaria diretamente associada a outra propriedade relativa ao movimento: a lentidão. Quando um ser humano está perdido, automaticamente passa para um movimento do tipo lento, pois busca-se outros referências espaço-temporais. Entretanto, essa lentidão seria um estado de espírito, uma outra forma de apreensão e percepção do espaço urbano, que vai além da representação meramente visual. O errante urbano seria sobretudo um homem lento voluntário, intencional, consciente de sua lentidão, e que, assim, se nega a entrar no ritmo mais acelerado, de forma crítica.

Atrelado aos dois conceitos a cima, tem-se a corporeidade, um estado de corpo que também nasce da desterritorialização. A cidade através da errância, ganha também uma corporeidade própria, não orgânica que se opõe a ideia da cidade-organismo. Esta corporeidade urbana se relaciona afetuosamente e intensivamente, com a corporeidade do errante e determina o que pode ser chamado de incorporação, a própria ação do corpo errante no espaço urbano.

As corpografias urbanas, decorrentes das errâncias, através da própria experiência ou prática da cidade, questionam criticamente os atuais projetos urbanos contemporâneos, ditos de revitalização urbana, que vem sendo realizados no mundo inteiro segundo uma mesma estratégia – genérica, homogeneizadora e espetacular – que pode ser chamada de branding urbano, ou seja a produção em série da cidade-imagem de marca (BERENSTEIN, 2008, p.11).

Vemos aqui uma grande divergência entre os dois autores estudados, Paola Berenstein e Kevin Lynch. Enquanto para Paola a desorientação e lentidão estão intimamente ligadas ao reconhecimento urbano, para Kevin Lynch é justamente o oposto que acontece. Para o autor quando se há um espaço urbano legível há orientação, dinamismo e aproveitamento, e dessa forma um reconhecimento mais minucioso do espaço. No primeiro capítulo do livro “A Imagem da Cidade” do autor Kevin Lynch, A Imagem do Meio Ambiente, o autor contempla as cidades, e expõe a partir de sua observação sua tese da imagem da cidade.

Tal como uma obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala, algo apenas perceptível no decurso de longos períodos de tempo. [...] A cada instante existe mais do que a vista alcança, mais do que o ouvido pode ouvir, uma composição ou um cenário á espera de ser analisado (LYNCH, 1960, p.11).

Os elementos móveis de uma cidade, as pessoas e as suas atividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis, não são apenas observadores deste espetáculo, mas sim uma parte ativa dele, participando com os outros num mesmo espaço.

A percepção da cidade é bastante parcial, envolvidas de outras referências. Quase todos os sentidos estão envolvidos e a imagem é o composto resultante de todos eles.

Porém, dificilmente se percebe o valor potencial de arredores em uma curta experiência de tempo. Não se percebe o que uma estrutura pode significar em termos de satisfação diária, vivência e prolongamento do sentido. No processo de orientação, a imagem do meio é fundamental para o reconhecimento do lugar, a imagem mental generalizada do mundo exterior que o indivíduo retém. Esta imagem é o produto da percepção imediata e da memória da experiência passada, que permite ao indivíduo deslocar-se facilmente.

Para o autor “O meio ambiente organizado pode fazer mais do que isto; pode servir como estrutura envolvente de referência, um organizador de atividades, crença ou conhecimento.” (LYNCH, 1960, p.14). Evita a desorientação e a sensação de ansiedade e até horror que o acompanham, afetando o bem-estar e o equilíbrio emocional.

O livro *A imagem da Cidade* de Kevin Lynch apresenta a tese de que a legibilidade é crucial na estrutura da cidade. Com uma comparação nas cidades americanas. Um meio ambiente característico e legível não oferece apenas segurança, mas também intensifica a profundidade e a intensidade da experiência humana. Para compreender uma cidade, sua complexidade, tempo e tamanho é necessário analisá-la como cidade objeto da percepção dos seus habitantes.

Estruturar e identificar o meio ambiente é uma atividade vital de todo animal móvel. São muitas as espécies de orientação usadas: a sensação visual da cor, da forma, do movimento ou polarização da luz, assim como outros sentidos, tais como o olfato, audição, o tato e a cinestesia. (LYNCH, 1960, p.13)

A construção de uma imagem baseia-se na relação do observador e do meio, em que o observador seleciona, organiza e concede sentido aquilo que vê. Cada indivíduo cria e sustenta a sua própria imagem, mas parece haver uma concórdia substancial entre membros do mesmo grupo, de um mesmo lugar e cultura. Para a composição dessa imagem são analisados três componentes: identidade, estrutura e significado. A identidade tem o sentido de individualidade e particularidade, a estrutura abrange o lugar em que o objeto está inserido e sua relação com o entorno, com o observador e com os outros objetos, e por fim o significado, que acontece através do observador.

Porém, existem ambientes que impedem ou facilitam o processo de construção da imagem, podendo alterar a relação do espaço e usuário. A partir disso inicia-se a análise empírica de observação das cidades para perceber quais as formas criadoras de imagens fortes. Segundo o autor os elementos físicos são perceptíveis e influenciadores de imagem, eles foram estudados para descobrir a importância da forma, foram a partir deles que Kevin

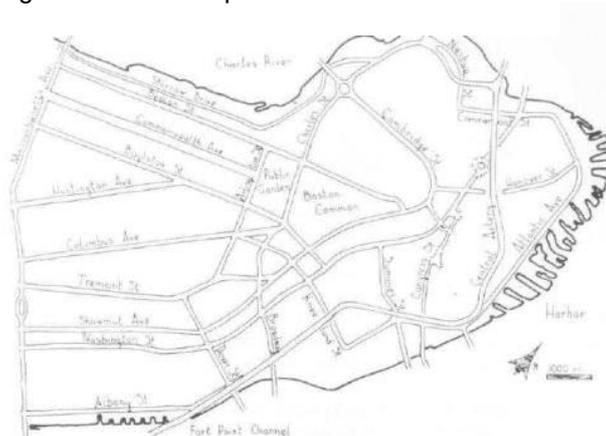
Lynch fez o levantamento e a leitura da cidade de Boston. São eles: as vias, limites, bairros, cruzamentos e elementos marcantes. Todos estão intimamente interligados, a conexão entre eles é o que determina o nível de imagem, a qualidade ou o desenvolvimento.

A cidade analisada pelo escritor que mais se aproxima com a área do projeto na cidade de São Paulo é Boston, nos Estados Unidos. Boston possui edifícios antigos e novos, existem grandes contrastes entre as largas ruas principais e as estreitas ruas laterais, em geral há ausência de espaços abertos e de recreação. Sendo uma cidade de tamanho médio com áreas vastas e costumes diversos, possui uma estrutura que é na maior parte das vezes compreendida por todas as pessoas.

As paisagens favoritas eram, geralmente, aquelas que incluem uma área aquática ou um espaço aberto à distância. A vista abrangendo as margens do rio Charles foi diversas vezes citada e houve quem mencionasse a vista do rio até Pickney, o panorama de uma colina em Brighton. Uma outra vista favorita era a das luzes da cidade de noite, quer de perto quer de longe, quando Boston parece ganhar a vivacidade que normalmente lhe falta. “A região analisada em Boston foi a da península central, é uma área com características bastante raras nas cidades americanas devido a sua idade, história, e de certo modo, ao seu sabor europeu.” (LYNCH, 1960, p.27). Nela estão incluídos tanto o centro comercial da cidade, como bairros residenciais.

Essa área de estudo é tida como uma imagem bem marcante na cidade, muitos desviam-se de seu rumo para poderem parar neste local, devido as características marcantes que la existem. Por exemplo o grande lago que percorre a região e o vasto parque, com área verde, os locais que possibilitam ampla visão e a arquitetura destoante que existe no local, comparada as outras cidades americanas. Apesar disso, para a análise do autor há um conjunto daquilo que parece ser grandes dificuldades na imagem dessa cidade: confusões, pontos flutuantes, fronteiras, ambiguidades, ramificações, falta de símbolos ou diferenciação.

Figura 1 - Foto esquemática de Boston



Outro ponto que chamou atenção no estudo de Boston e notou-se uma aproximação com as características do centro histórico de São Paulo, foi o bairro de Beacon Hill. Um bairro misto com uso residencial e comercial, porém com um grande valor histórico e regido com várias regras urbanas para conservação da região, tanto das ruas como das próprias edificações. Apresenta características marcantes, por exemplo os edifícios de tijolo a vista, as diferentes janelas e portas das fachadas e a mistura de cores entre natureza e edificações, portanto é um bairro com uma identidade nítida.

Assim, a partir do estudo de Lynch, fez-se a leitura do centro histórico de São Paulo. Procurou observar os cinco pontos influenciadores de imagem: as vias, limites, bairros, cruzamentos e elementos marcantes. Através da observação no centro antigo de São Paulo pode-se perceber que é uma região que recebe diversos tipos de pessoas, é uma área histórica, com características europeias, com arquiteturas imponentes. Não possui grandes espaços abertos e nem espaços verdes ou de recreação.

Figura 2 - Forma esquemática do centro histórico de São Paulo



Fonte: GOOGLE, 2019.

Observou-se que é local de passagem e não de permanência, percebe-se confusão ao se localizar no espaço e há uma dificuldade para conseguir se situar. Não há muitos símbolos para identificação, as vias são parecidas, com as mesmas dimensões e quase nenhuma característica que distingue uma rua da outra. Os cruzamentos são bem característicos é possível notar grande relevância no espaço, são bem marcados e grandes.

Figura 3 - Foto do Centro histórico de São Paulo



Outra questão que chamou a atenção foram as edificações do local, praticamente todas as construções com características monumentais e valores de outras épocas, que ao mesmo tempo que se tornam referências de pontos individuais criam uma identidade local. Essa identidade seria para o autor o bairro: território que agrega uma característica do ser que ali reside, há uma cultura, uma personalidade.

O elemento marcante que pode ser observado foi o edifício Altino Arantes, o antigo prédio do Banespa. Notou-se que algumas pessoas o procuravam quando precisavam de um ponto de referência, sua altura distoa dos edifícios do entorno. Possui um aspecto memorável, de forma clara e fácil de identificar. “O domínio espacial pode causar elementos marcantes de duas formas: tornando um elemento visível de muitos outros pontos, ou criando um contraste local com os elementos circundantes.” (LYNCH, 1960, p.91)

Figura 4 - Foto do Edifício Altino Arantes



Fonte: Autor

Notou-se que no centro histórico de São Paulo para os indivíduos que mostraram ter uma familiaridade com o ambiente, já possuíam uma dinamicidade em sua locomoção, independente da falta de símbolos, como: placas, totens, sinalizadores. Porém, para alguns indivíduos no local, houve uma dificuldade de se encontrar, essas pessoas caminhavam mais lentamente e observavam constantemente ao seu redor. Houve a impressão de que tudo o que era visto era novo, um ambiente atípico com costumes diferentes, um espetáculo.

Para a autora Paola Berenstein os centros históricos sofrem assim como as intervenções urbanísticas a “espetacularização”. Através de correntes de arquitetos e urbanistas preocupados com as culturas preexistentes, há a petrificação do espaço urbano, provocando uma museificação e também o surgimento da cidade-parque-temático. “O atual momento de crise da nação de cidade se torna visível principalmente através das ideias de “não-cidade”: seja por congelamento – cidade-museu e patrimonialização desenfreada – seja por difusão-cidade genérica e urbanização generalidade” (BERENSTEIN, 2005, p.17).

Com isso, percebeu-se que o centro histórico é um lugar que se observa muito mais do que se interage, devido a sua composição arquitetônica e de planejamento urbano. Um espaço passivo, no sentido de que não há muita possibilidade de participação social, não há uma atração urbanística e nem elementos urbanos que favoreçam o uso do espaço, seus prédios são enormes sem uso voltado diretamente para o usuário. “A imagem espetacular, ou o cenário, só necessita do olhar” (BERENSTEIN, 2008, p.7).

Os urbanistas teriam esquecido, diante de tantas preocupações funcionais e formais, deste enorme potencial poético do urbano e, principalmente, da relação inevitável entre o corpo físico e o corpo da cidade que se dá através do andar, através da própria experiência física – corporal, sensorial – do espaço urbano, algo tão simples, porém imprescindível, para todos os amantes de cidades e, principalmente, para os arquitetos-urbanistas (BERENSTEIN, 2008, p.24).

O centro histórico de São Paulo possui grande capacidade de se tornar um local interessante, que proporcione uma vivência satisfatória entre o usuário e o espaço. Segundo a visão dos autores o que falta não é apenas a alteração do espaço, mas o querer compreender a dinâmica do ambiente e do indivíduo, para possíveis propostas urbanas.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do minucioso estudo constatou-se que os dois autores principais, Kevin Lynch e Paola Berenstein, consideraram o ser humano em suas teses como parte ativa do espaço e não apenas como seres observadores. Desse forma, tanto um autor como outro, desenvolveram suas teorias procurando maneiras de analisar o espaço para que o indivíduo tivesse maior aproveitamento do ambiente urbano e uma vivência.

Para ambos os autores é necessário entender a dinâmica do espaço e como se dá a orientação e o sentido ao se caminhar na cidade vigente. Quais os pontos evidenciados no ambiente analisado, e o que se pode avaliar como pontos favoráveis e desfavoráveis na composição de um local. Nesse processo de investigação o ponto focal foi o ser humano no espaço, apesar de ter divergência entre os dois autores.

No estudo de Kevin Lynch em seu livro “A Imagem da Cidade”, percebeu-se que na visão do autor os seres humanos formam uma imagem de um determinado local a medida que vivenciam um ambiente e possui uma memória passada. A formação dessa imagem pode ser facilitada a medida que o lugar é mais legível ou não, isso varia de acordo com cinco pontos: “vias”, “limites”, “bairros”, “cruzamentos” e “elementos marcantes”. A partir da análise desses pontos, um ambiente pode ser considerado mais legível e favorecedor de uma orientação satisfatória, atribuindo dinâmica na locomoção e até segurança emocional. Atrelado a isso, com maior facilidade de gerar uma imagem mental no usuário, melhorar sua percepção e vivência no espaço.

Já no estudo de Paola Jacques Berenstein, sobre “Corpografia Urbana”, encontra-se pontos distintos sobre a leitura da cidade em relação ao autor acima. Para a autora as cidades se encontram em um processo de “espetacularização”, que seria grandes cenários urbanos desfavorecedores da participação social no espaço. Ou seja, não há preocupação com o usuário na cidade, apenas a representação da cidade como uma imagem. Uma imagem que não possibilita a interação do ser humano com o espaço, do corpo com a cidade. Dessa forma para a autora a maneira que se pode alcançar uma experiência satisfatória é a partir da prática da “errância”, em que consiste em errar pela cidade, causando desorientação, perda e lentidão no espaço urbano.

No centro histórico de São Paulo na visão de Lynch pode ser difícil para se orientar, não há muitos símbolos para identificação, não possui lugares que favoreçam amplas visões, nem vias que favorecem a localização, porém há elementos marcantes e consiste em uma localidade com uma identidade. Dessa forma há uma imagem atrelada a esse espaço. Na leitura de Berenstein pode ser considerado um lugar espetacular devido patrimonialização que lá existe, um espaço cenário que predomina muito mais o olhar do que a ação, aplica as propriedades de se perder, da lentidão e desorientação, porém não estabelece uma vivência intensa no local, para uma corpografia urbana efetiva é necessário favorecer ainda mais a relação entre o corpo e o espaço urbano.

Apesar, dos dois autores trabalharem o mesmo assunto dessa pesquisa pode-se notar que a perspectiva de análise deles foram bem diferentes. Enquanto um favorece a orientação e uma imagem o outro favorece a desorientação e desfavorece a imagem.

Porém, na análise empírica sobre o centro histórico de São Paulo em que foi feita a observação da dinâmica do local e a comparação e análise dos pontos das teses estudadas, constatou-se que é possível em um mesmo espaço haver as duas oposições e elas contribuirão para uma leitura consistente sobre o caminhar do usuário no espaço.

3. REFERÊNCIAS

- BERENSTEIN, Paola J. **Experiência, Apreensão, Urbanismo** – 1 ed. Bahia: EDUFBA, 2014
- BERENSTEIN, Paola J. **Corpo e Cidade** – 2 ed. Belo Horizonte: Rev. UFMG, 2012
- DEBORD, Guy E. **Sociedade do Espetáculo** – 2 ed. Belo Horizonte: Rev. UFMG, 2012
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade** – 2 ed. São Paulo: Edições 70, 1960
- NESBITT, Kate. **Uma Nova Agenda para Arquitetura** – São Paulo: Cosac Naify, 2006
- NORBERG, Christian S. **Intentions in Architecture** – 3 ed. Graphic Composition, 1993.
- ROSSI, Aldo. **A arquitetura da Cidade** – São Paulo: Martins Fontes, 2001
- SORRE, Maximilien. **Geografia** – 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1984.
- BERENSTEIN, Paola J. **Corpografia Urbana** – IV ENECULT. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14401-03.pdf>> . Acesso em: 29 mar. 2018.

3.1 Figuras

- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade** – 2 ed. São Paulo: Edições 70, 1960
- GOOGLE, Maps – **Área do centro histórico de São Paulo** – Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/search/centro+antigo+sp/@-23.5424664,-46.6555499,14.35z>>. Acesso em: 29 mar. 2019.
- MAZZA, Yasmin P. – **Centro histórico de São Paulo** – São Paulo, 2019.
- MAZZA, Yasmin P. – **Edifício Altino Arantes** – São Paulo, 2019.

Contatos: contato.yasminmazza@gmail.com

celso.minozzi@mackenzie.br